

Madrugada de espera por uma vaga

Em Brazlândia, 200 pessoas não garantem um lugar no supletivo. Polícia Militar teve de agir para evitar tumulto na porta da escola

Marcello Xavier e
Marcio Vieira
Da equipe do **Correio**

Dezenas de pessoas dormiram na porta da Escola Classe 4, em Brazlândia, para conseguir uma das 300 vagas oferecidas para as fases três e quatro do supletivo. De madrugada, o vigilante abriu os portões da escola e permitiu que as pessoas entrassem para não ficarem ao relento. Só que deu a maior confusão.

A Polícia Militar foi chamada no começo da manhã para organizar a fila e garantir a segurança da escola e dos funcionários. A vice-diretora, Maria Dilma Rodrigues Bezerra, temia que algum estudante mais exaltado quebrasse uma banca ou vidro de janela, o que, felizmente, não ocorreu.

A vice-diretora da escola disse que nem todos seriam atendidos. A Escola Classe 4 só tinha 300 vagas para oferecer. Uma lista de espera foi feita pela escola para que os alunos excedentes fossem encaminhados à Divisão Regional de Ensino. Até o final da tarde 200 pessoas foram inscritas na lista de espera.

Dilma conta ainda que todos os anos é normal as pessoas dormirem na porta da escola à procura de vagas para estudar. “Contudo, este ano o número dobrou porque o Caic de Brazlândia fechou o turno noturno”, acredita.

Gracia Pereira da Silva de Oliveira, 25 anos, aguardava impaciente na fila desde às 21h de domingo. Até às 11h de ontem não havia sido atendida. “Recebi uma senha e carimbaram o meu braço. Mas o que me garante que serei atendida?”, questionava a estudante, sem esconder o cansaço e o desânimo.

“Isso é uma pouca vergonha”, bradava Maria do Nascimento, na fila desde às 18h de domingo. Ela dormiu na rua só para conseguir uma vaga para o filho e para um sobrinho. Com a senha de número 195, Maria aguardava sem muita esperança debaixo de um forte sol na manhã de ontem.

Com o filho de dois meses nos braços, Alessandra Fonseca de Carvalho, 18 anos, era uma das inscritas na fila de espera que será entregue à Divisão Regional de Ensino. “Não tenho com quem deixar o meu filho”, alega a estudante, em busca de uma vaga na terceira fase do supletivo. Ela chegou pouco depois da 6h da manhã de ontem, mas desde a noite de domingo que uma amiga guardava um lugar para ela.

INTERDITADA

Na zona rural de Brazlândia, a confusão continua. A sala de aula não é a batcaverna, imortalizada como esconderijo de Batman e Robin,

mas está cheia de morcegos que saem dos forros destruídos do teto. A escola não é um barraco, mas a iluminação é feita por uma gambiarra puxada de um transformador que vem de um poste na parte de trás da escola.

Não é só. Os vasos sanitários dos banheiros não têm tampa e estão com vazamento. Nem mesmo têm pias. Para completar, há três fossas no pátio do colégio que transbordam quando chove e não oferecem a mínima condição de segurança para os alunos. Essa é a situação do Centro de Ensino Incra 8, na região rural de Brazlândia, interditado na última quarta-feira pelo Corpo de Bombeiros.

No meio do caos, a vice-diretora, Adriana Cristina Fernandes, ainda consegue mostrar um pouco de humor. “Ainda bem que de vem em quando tem uns ratinhos mortos no pátio que servem para alimentar os morcegos”, brinca. O humor dá lugar à preocupação quando ela lembra dos 1.500 alunos do pré ao 3º ano do 2º grau que não terão onde estudar este ano. O início das aulas está marcado para 1º de março.

Sem reforma desde 1968, quando foi criada na área rural de Brazlândia, a escola está com o primeiro pavilhão tão deteriorado que terá de ser demolido. “Os bombeiros condenaram todo o pavilhão, onde ficam a cantina e várias salas de aula”, conta a vice-diretora. Ao todo são 18 salas de aula.

A importância da escola na região, que fica a 15 quilômetros de Brazlândia, é grande. “É a maior escola da região. Os alunos daqui são muito carentes e não têm condições de ir até Brazlândia estudar”, lamenta a vice-diretora, destacando que toda a parte hidráulica e elétrica dos três pavilhões que foram a escola estão destruídos.

Os pais de alunos estão apreensivos. “A vida já está tão difícil que não tem a mínima condição de pagar passagem para que meus filhos estudem em Brazlândia”, reclama o autônomo José Serafim Marques, que tem três filhos estudando na escola e mora na quadra 10 do Incra 8. “Aqui eles podem ir andando. Mas em Brazlândia nem pensar”, conta. A escola fica na quadra 5. “Tem também o problema da violência. Não é bom deixar as crianças pegarem ônibus sozinhas.”

Opinião semelhante tem a dona-de-casa Elaine Aparecida de Magalhães. Com dois filhos estudando no colégio, ela mora na mesma quadra do Centro de Ensino Incra 8. “Se os meus filhos não puderem estudar aqui (no Incra 8), terão de parar de estudar”, afirma ele, que tem dois filhos cursando o pré e a 2ª série primária. “Não tenho dinheiro para pagar a passagem dos dois.”

Jefferson Rudy



Gracia Pereira chegou à escola na noite de domingo, recebeu uma senha e um carimbo. A corrida à Escola Classe 4 cresceu, com o fechamento do Caic de Brazlândia